

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**A CRIAÇÃO DE EMÍLIA NA OBRA
“MEMÓRIAS DA EMÍLIA” DE MONTEIRO LOBATO**

SEMILDA SCHWAAB SAMPAIO
VIII SEMESTRE

noe

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N° <u>6628</u>
Data <u>31</u> / <u>01</u> / <u>02</u>

42.09
S 1902
Ex 1
C92569321

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**A CRIAÇÃO DE EMÍLIA NA OBRA
“MEMÓRIAS DA EMÍLIA” DE MONTEIRO LOBATO**

Ensaio monográfico desenvolvido no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, Inglesa e Literaturas no VIII Semestre do Curso de Licenciatura Plena de Letras – UNEMAT – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, tendo como orientadora a professora Ediliane Gonçalves.

“A criança só se reencontra em autores
que conseguem verdadeiramente trazer
de volta, com toda a sua força, a
infância que viveram”

(Lúcia Pimentel Góes)

Dedico este trabalho aos meus filhos,
Rodrigo e Rafaely e ao meu esposo
Antônio, que sempre esteve ao meu
lado me incentivando nos momentos
difíceis desta caminhada.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado a vida e sobretudo as faculdades necessárias para percorrer este caminho.

Aos meus pais, de modo muito especial à minha mãe que não teve a graça de me acompanhar (em vida), no final desta jornada, mas que eu acredito que lá do céu não deixou de velar por mim.

Ao meu esposo e meus filhos que muito me ajudaram com seu apoio.

Aos professores que me acompanharam, orientaram e me conduziram ao longo destes quatro anos de jornada. E principalmente à professora Ediliane que me orientou e acompanhou mais de perto no final desta empreitada.

A todos meus eternos agradecimentos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU.....	08
MONTEIRO LOBATO ESCRITOR e CIDADÃO.....	11
A CRIAÇÃO DE EMÍLIA NA OBRA MEMÓRIAS DA EMÍLIA DE MONTEIRO LOBATO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	24

APRESENTAÇÃO

O que nos levou a estudar Monteiro Lobato, um dos maiores escritores da literatura infantil brasileira, é o fato que este foi um marco histórico pois a partir dele a literatura infantil no Brasil tomou novos rumos.

Ele foi um revolucionário, não só no campo da literatura, mas também na maneira de pensar da época. Não aceitava o passivismo, acreditava no homem crescendo por si mesmo, por sua própria vontade e capacidade.

Em suas obras destinadas às crianças trata de temas reais e polêmicos, rompe com a velhice da literatura europeizada que achava que a literatura para criança deveria ser ensinamento, moralismo e ordem subestimando a inteligência da criança.

Lobato vê a criança como indivíduo pensante capaz de compreender assuntos sérios, (antes exclusivo dos adultos), sem contudo deixar de lado o lúdico, misturando realidade e ficção. Para isso criou a personagem Emília, através dela pôde dizer tudo o que pensava e sentia, por não ser gente e sim uma boneca de pano podia quebrar com os preceitos estabelecidos. Personagem que representa a criança irreverente, questionadora que não aceita passivamente as imposições dos adultos. Mantém seus próprios pontos de vista sobre os fatos e acontecimentos.

Monteiro Lobato usa uma linguagem simples e predominantemente coloquial, próxima à linguagem infantil, despertando no pequeno leitor o gosto pela leitura. Por compreender a linguagem lobatiana e principalmente por se identificar com Emília, personagem que expressa o anseio da criança em conquistar sua liberdade de expressão, o leitor interage com o texto e conseqüentemente com o contexto em que vive.

Para melhor compreender Monteiro Lobato e principalmente a personagem Emília na obra “Memórias da Emília” (meu objeto de estudo), estarei desenvolvendo este trabalho em três textos distintos: no primeiro texto intitulado “Foi assim que tudo começou”, estarei me reportando à literatura infantil antes de Monteiro Lobato: no segundo, – Cidadão e Escritor” dissertarei sobre a vida e obra de Monteiro Lobato e sua influência na transformação da sociedade”; e no último texto “A criação de Emília”, estarei desenvolvendo minha análise da personagem Emília na obra “memórias da Emília” de Monteiro Lobato. Pois é através dela que o escritor critica a sociedade da época e expressa seu anseio por um Brasil melhor, inaugurando uma nova fase na literatura infantil brasileira.

FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU

Com a mudança histórica, do sistema feudal para o capital, muda-se também a forma de pensar e agir da sociedade. A família passa a ser vista sob outro prisma. Começa então a preocupação em educar os filhos, em dar-lhes uma boa formação visando lucros futuros. Desta ideologia surgiu a educação infantil e com ela uma literatura puramente pedagógica, que aliada à escola tinha como objetivo controlar o desenvolvimento intelectual da criança e manipular suas emoções. Deste modo, segundo Mariza Lajolo (1999: 34) a literatura *Confirma seus compromissos com um projeto pedagógico que acreditava piamente na reprodução passiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos manifestavam e, manifestando, desejavam incultar nos leitores.*

Vale lembrar que o conceito de leitura na época era apenas o de decodificação dos sinais gráficos e atualmente vai muito além disso.

A literatura infantil tem como parâmetros os contos clássicos consagrados ao público mirim de diferentes épocas. Assim, a literatura infantil tem como marco inicial, o francês Charles Perrault que coletava contos e lendas da idade média como, “Cinderela, Chapeuzinho Vermelho”, etc., contados por servos (apesar de seu desprezo pelas superstições populares e pelo povo) e utilizava-os fazendo adaptações aceitáveis ao gosto da burguesia, classe a qual pertencia. As histórias tinham propósito moralizante de acordo com os interesses pedagógicos da época.

Somente por volta de 1876 é que a literatura infantil começa a tomar novos rumos. Primeiro com Mark Twain que escreveu *As aventuras de Tom Sayer*, quebrando com o didático na narrativa. Porém, foi Lewis Carol com a obra *Alice no País das Maravilhas*, quem inovou a literatura infantil, criando histórias sem moralidades, convencionalismos e lógica.

No Brasil, até os fins do século XIX, a literatura destinada às crianças – acessível apenas a elite brasileira – era toda importada, constituindo-se de traduções feitas em Portugal, pois, neste período não havia editoras no Brasil. Os autores brasileiros mandavam imprimir seus textos na Europa. E a maioria das obras eram adaptadas com apropriação abasileirada. Segundo Lajolo (1991: 34). *O livro francês de G. Bruno foi objeto de adaptação mais requintado: inspirou em 1910, o famoso ‘Através do Brasil’ que escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfin, constitui-se na leitura apaixonada e obrigatória de muitas gerações de brasileiros.*

Seguindo os moldes europeus, a grande finalidade da obra é dar um cunho educativo e pedagógico, haja vista de que tratava de temas concernentes à várias disciplinas do currículo escolar.

Apesar de todo esforço, dos autores brasileiros deste período, em escrever uma obra nacional, no aspecto geral não chegou a modificar, pois a influência da cultura européia continuava impregnada. Seu papel enquanto literatura, era divulgar a cultura importada, sem manipulá-la, apenas copiava o que vinha de fora. Como neste período, (de dominação política) a literatura infantil tinha um cunho pedagógico apresentava na maioria das vezes: ... *um discurso monológico que pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade tudo se homogeneizando numa só voz, no caso, a do narrador.* (Cademartori.1995:25)

Não havia a interlocução entre leitor e o narrador. Nenhum espaço que desse margem à interpretação crítica. Porém, isso mudou com Monteiro Lobato, através de suas obras e personagens. Ele preocupava-se com o leitor, comunicava-se com ele, retratando a sociedade tal qual ela era, seus problemas e conflitos, rompendo assim, com os padrões prefixados. Segundo Serra:

Sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, já que é quase toda permeada do ânimo de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos, que problematiza de modo a ser compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro antecipatória do Modernismo. (Serra, 1998: 13)

Porém, na década de 60, com a revolução de 64, a cultura foi amordaçada. Era a política imposta que ditava o que podia ou não ser escrito, trazendo grande prejuízo à educação, pois o nível de aprendizagem e a qualidade de ensino, caiu sensivelmente.

Mais tarde volta-se a atenção para o livro. Debates e congressos organizados pela crítica literária acadêmica e jornalística passaram analisar textos da literatura infantil, que acabou ganhando espaço que até então não tinha, abrindo um novo comércio lucrativo. Promoções em lojas, como brindes na compra de sabão em pó em supermercados entre outros.

Com isso, muitos livros lançados para crianças eram colocados à venda como também obras que *não vão além do lugar-comum estético e ideológico* (Cademartori, 1995: 18) e a escola utilizava-se destes livros para o ensino da Língua Portuguesa, a qual acreditava que quem sabe ler sabe escrever.

Atualmente, o mercado de livros infantis, no Brasil, oferece produções diversificadas e de boa qualidade para todas as faixas etárias. *Investe-se na inteligência e na sensibilidade da criança agora sujeito de sua própria aprendizagem.* (Palo e Oliveira.1998:13).

A partir de livros que exploram a percepção visual, para as crianças que ainda não sabem ler, outros que privilegiam o ludismo sonoro, o humor, bem como, livros que tratam de temas mais amplos levando o pequeno leitor a interagir com o texto ampliando assim a sua visão de mundo tornando-se agente de transformação do seu contexto sócio-histórico-cultural.

Na ótica educacional, é possível perceber que tanto os educadores de diferentes níveis de ensino, como também, o poder público estão unindo esforços no sentido de promover a leitura para resgatar a melhoria da qualidade de ensino no atual sistema educacional. Assim, segundo Cademartori: ... *a leitura infantil passou a ser vista como instrumento de uma possível expansão do escasso domínio lingüístico dos alunos, um ato de fé no slogan 'quem lê sabe escrever'.* (Cademartori, 1995:19)

Deste modo a literatura proporciona à criança um redimensionamento das percepções do mundo, possibilitando uma nova ordenação das experiências existenciais. *A principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório, que a escola e a família, como instituições não podem oferecer.* (Cademartori, 1995: 19-20)

Sendo assim, pode-se dizer que a literatura infantil é um instrumento relevante no processo de desenvolvimento e democratização que passa o país, uma vez que está diretamente ligada com a preocupação de formar cidadãos críticos capazes de superar os limites das experiências já adquiridas.

MONTEIRO LOBATO: CIDADÃO e ESCRITOR

Monteiro Lobato é o maior escritor infantil brasileiro de todos os tempos. Originário da aristocracia rural paulista, influenciado pelo avô, Visconde de Tremembé, se formou em direito sem nenhum entusiasmo, já que queria ser pintor.

Ainda na faculdade começou a escrever artigos e crônicas publicados na imprensa e a participar dos meios literários.

Desde cedo, Lobato, preocupava-se com os problemas sociais brasileiros estabelecendo uma ligação entre a literatura e as questões sociais. Esta representação da realidade, em suas obras, se deu sob diferentes enfoques e tratamentos.

Em Urupês, Lobato procura desmistificar a visão romântica do campo, porque ninguém via o atraso em que vivia o país no interior. Ele mostra que o que existe ali não é a força e a coragem do caboclo e sim a miséria e a doença. Denuncia o descaso do governo que fingia não ver o problema da miséria no interior do Brasil, pois, não oferece ao caboclo educação e saúde. Denuncia também as grandes queimadas que deixam as terras maltratadas e improdutivas; Problema este que é reconhecido atualmente como um grande prejuízo ao meio ambiente pois quebra o ciclo vital do ecossistema. Mas que na década de 20 e 30 não era reconhecido.

Ao denunciar os problemas brasileiros, contudo, Lobato não estava difamando o Brasil. Ao contrário, estava apontando os problemas e querendo soluções.

Lobato, porém, não apenas apontava os problemas brasileiros em suas obras, mas enquanto cidadão procurava se engajar na luta para solucioná-los. Entrou inclusive numa campanha de saneamento iniciada pelo governo participando da luta dos grandes médicos sanitaristas.

Mais tarde publica *A onda Verde* que traz um artigo sobre o problema do café, onde prevê a decadência deste principal produto de exportação. Segundo Sandroni (1997) Achava que o Brasil não deveria dispor de tanta terra a essa cultura e sim diversificar. E se de repente a Europa e os Estados Unidos não quisessem mais café? E foi exatamente o que aconteceu com a crise de 1929 onde ninguém podia importar nada.

Em 1927 a convite do Dr. Washington Luís, Lobato exerce o cargo de Adido Comercial nos Estados Unidos. E entusiasma-se com a riqueza, o progresso e o desenvolvimento daquele país e aposta num Brasil também moderno. Acreditava que a

exemplo dos Estados Unidos, a solução dos problemas brasileiros estava no desenvolvimento econômico capitalista e na ação da iniciativa privada. Ao regressar procura convencer o poder público de que o caminho para o Brasil crescer e se desenvolver está na produção de ferro e na descoberta de petróleo. Lobato acreditava que produzindo ferro e explorando petróleo, (pois apostava na existência de petróleo no solo brasileiro), o Brasil poderia enriquecer e se tornar livre sem depender de outros países.

Começou, então, a escrever para os governantes dando idéias novas de como produzir de uma maneira mais barata. Porém, não recebeu nenhuma resposta animadora. Obcecado por mostrar que sem ferro o Brasil não ia andar, fez conferências, relatórios, mas ninguém quis ouvi-lo. Então ele se voltou à questão do petróleo. Fez novas conferências, novos relatórios e não obteve resposta. Quando viu que o governo não mostrava interesse em explorar petróleo, decidiu partir para uma campanha particular, convocou o povo a ajudá-lo. Lobato viajou o país de norte a sul, explicando que era importante ter petróleo e que o país que tinha petróleo era um país rico. Foi uma luta que durou dez longos anos.

Desiludido com os adultos, Lobato, acredita que só as crianças poderão modificar o mundo, tornando-as suas interlocutoras privilegiadas. É o próprio Lobato que fala da sua decepção com os adultos quando escreve:

Ando com idéia de entrar por esse caminho: livro para crianças. De escrever para marmanjos me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora, sim morar, como morei no Robinson Crusoe e n'Os Filhos do Capitão Grant. (A Barca de Gleyre I, 2 pp 292 – 293 apud Coelho p. 849)

Em uma carta ao seu amigo Godofredo Rangel, publicada em *A Barca de Gleyre*, Monteiro Lobato fala da sua preocupação em trazer para a criança brasileira algo de inovador que despertasse nelas o entusiasmo e o gosto pela leitura. Em carta de 08/09/1916 dizia:

Ando com várias idéias. Uma vestir à moda nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças ... Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se for com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral, traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentos e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta (...) É de tal pobreza e besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o 'Coração de Amicis' um livro tendente a formar italianinhos. (A Barca de Gleyre, II p.104 apud Coelho, p. 847)

Com muita coragem e audácia, Lobato, inaugura uma nova fase na literatura infantil, estabelecendo uma ligação entre a literatura e as questões sociais, conforme relata

Cadernatori:

... Lobato escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional. (...) irrompe a figura inquietante de um escritor que não aceitava a ingestão passiva das modas européias por detestar a imitação, que questionava os modelos dos sistema e tinha outros para propor, alguém que queria puxar fila e não seguí-la. (Cadernatori.1998:48)

Em suas obras, Lobato desperta a criticidade no pequeno leitor, desmistificando a moral tradicional, estimulando-o a ver a realidade através de conceitos próprios. Utilizando uma linguagem simples e coloquial trata de temas sérios, sem contudo perder de vista o lúdico e ficcional, segundo Eliana Yunes:

(...) A ludicidade não se ausenta em nenhum momento dos trabalhos do autor, capaz de surpreender por sua linguagem ainda hoje. Tampouco a relação catártica desaparece, e, sendo compromisso com a história, reflete a sociedade ora de modo crítico ora de forma a endossar alguns valores. (Yunes.1982:6)

Dentre os vários aspectos inovadores da criação lobatiana está o seu estilo, pois procura despir suas obras daquela literatura retórica tradicional, rompendo com os estereótipos consagrados, questionando a aceitação do vigente, os preceitos religiosos e as normas estatais. É o que nos afirma o próprio Lobato em carta de 19/12/45 ao amigo Rangel:

A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a beleza literária. Mas o que é beleza para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças. (...) Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato como quem mata pulgas, todas as 'literaturas' que ainda as estragam. (A Barca de Gleyre apud Lajolo p. 3)

Outra das grandes inovações de Lobato é trazer para o universo infantil os grandes problemas sociais, até então, como parte exclusiva dos adultos. O que é possível visualizar na obra *O Poço de Visconde* na qual, tematiza o problema do petróleo no Brasil, em *A chave do Tamanho* retrata o grande problema da humanidade, onde a falta de entendimento e a disputa pelo poder sempre termina em guerra. Por acreditar na capacidade das crianças é que Lobato, em suas obras, trata de temas tão complexos, apostando que esta irá colaborar no desempenho do papel transformador, desenvolvendo sua atividade criadora, devido a sua identificação com a personagem que rompe os limites impostos pela sociedade repressora. Segundo Novaes Coelho:

Dai que o modelo de ação proposto à menina, através das personagens e situações criadas (...) seja o da espontaneidade inventiva, o da livre iniciativa, o da independência mental em relação às convenções estabelecidas. Modelo esse que, evidentemente, se manifesta em atos de desobediência ou de desafio das crianças à autoridade dos adultos. (Novaes.1995;853)

Lobato, foi um dos escritores que mais defendia a cultura brasileira, período em que, o nacionalismo era muito forte. Procurou retratar a realidade brasileira tanto os problemas sociais e políticos, como a socialização da cultura. Fez uma pesquisa sobre o saci-pererê entre os intelectuais e os artistas. Ficou tão entusiasmado que resolveu escrever um livro sobre o tema sempre presente em suas histórias, através de personagens tipicamente brasileiros, como Tia Nastácia e Tio Barnabé, ponto de ligação entre o mundo racional e as superstições e credences populares. Conhecedor que é dos mistérios, dos mitos que habitam o folclore, busca nessa fonte inesgotável de literatura os elementos necessários a uma criação original, Segundo Novaes Coelho: *Foi Lobato que, entre nós abriu caminho para que as inovações que ameaçavam a se processar no âmbito da literatura adulta atingissem também a infantil.* (Novaes Coelho, 1997: 122)

Lobato buscou mudar a estrutura arcaica e conservadora da nossa história promovendo uma verdadeira revolução. Tentou isso por meio da elite a qual ele mesmo pertencia. Desiludido por não ter o retorno esperado optou por apostar na formação da criança, em cujas mãos, a seu ver, estava a esperança de um Brasil melhor, mais justo e igualitário. Pois acreditava na inteligência e na sua capacidade de compreensão . Segundo Palo e Oliveira.

O pensamento infantil é aquele que está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada. (Palo e Oliveira, 1998:11)

Por compreender o mundo infantil é que Lobato aposta nesse caminho. Adota uma linguagem predominantemente coloquial, buscando constantemente uma renovação dentro de suas obras. Embora estreando na literatura escolar Monteiro Lobato já trazia as bases da verdadeira literatura infantil brasileira:

... o apelo à imaginação em harmonia, com o complexo ecológico nacional: a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual, e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renova inteiramente o conceito de literatura no Brasil. (Arroyo:198)

Monteiro Lobato queria interferir na formação de um Brasil melhor através da criança. Os meios empregados para levar o leitor à reflexão são o humor, a ironia e a crítica. Nesse aspecto, Emília é seu porta-voz. É através dela que Lobato consegue instaurar uma nova forma de pensar a literatura infantil.

Monteiro Lobato inicia na literatura infantil com a obra “Narizinho Arrebitado”, que na revisão de 1925 muda o título para “Reinações de Narizinho”. Com esta obra, lança o Sítio do Pica-pau amarelo e seus célebres personagens.

Desenvolveu seis personagens fixos em seu projeto destinado ao público mirim: Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, D. Benta, Visconde e Emília. Através de Emília diz tudo o que pensa, por ser boneca e não gente, pode transgredir os preceitos impostos; Visconde de Sabugosa é uma representação crítica do adulto culto, professoral, muito sério e formal; Dona Benta, personagem adulo que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo; Tia Nastácia, é o adulto sem cultura, que vê no desconhecido o mal, o pecado. Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, confrontando suas experiências com os mais velhos dizem mas sempre acreditando no futuro.

Junto com esses personagens aparecem envolvidos nas aventuras, os personagens ocasionais. Todos eles fundamentalmente importantes para a criação deste universo infantil, sem haver diferenciações de importância para a narrativa. Dentre esses personagens, vale a pena destacar o Marquês de Rabicó e o Burro Falante, personagens sempre presentes nas tramas.

O Marquês de Rabicó, sugere uma alusão à burguesia, classe dominante, que através da exploração do trabalho do povo está tirando proveito próprio. Não é a toa que leva um título de nobreza. Rabicó não é qualquer um e sim um Marquês. Veja o que nos diz Emília, quando tece suas considerações sobre os personagens do sítio em “memórias da Emília”. *Rabicó, esse não vale nada. A gula o perdeu. Não sendo coisa de comer, não se interessa por mais nada no mundo.* (Lobato, 1994:58)

Assim como o Marquês de Rabicó, o espertalhão está sempre pronto para dar o bote no momento oportuno.

O Burro Falante pode estar sugerindo uma metáfora do nosso índio. Através do Burro Falante, Lobato critica o homem branco que considera o índio um serviçal, subestimando sua inteligência e capacidade criadora. Impregnado pelo sistema capitalista, pelo ter e o poder, o homem branco não consegue entender e aceitar a cultura e a filosofia indígena.

O “Burro” foi encontrado pelas crianças na mata, numa assembléia onde se procurava o culpado pela peste que estava assolando a selva, (doenças transmitidas ao índio pela invasão do homem branco) vista pelos nativos como castigo dos deuses. Era preciso eliminar o

culpado para ficar livre da maldição. Em “Reinações de Narizinho” o “Burro” colocando a mão na consciência diz não sentir-se culpado por coisa alguma: *Nunca matei ... nunca furtei. Nunca tomei a mulher do próximo. (...) A consciência de nada me acusa.* (Lobato;1993:146)

Como podemos ver, esses crimes não são característicos do índio e sim do homem branco, que vê o índio como uma ameaça, um subversivo, justificando assim seus crimes. Tudo isso nos faz crer que o Burro Falante é símbolo do homem nativo que vive na floresta regido por leis e cultura própria e por isso não se submete a dominação do homem branco que veio explorar seu trabalho e roubar-lhe a riqueza.

A autonomia dos personagens de Lobato é uma de suas marcas principais. Eles propõem os problemas e as tarefas e eles próprios impõem as realizações e os objetivos a serem alcançados, ficando no limite do possível de cada um. O que se opõem aos heróis, o grande vilão do homem (o protagonista), não é um personagem e sim o desconhecido e o desafio de desvendá-lo.

As aventuras vividas em grupo dependem de cada personagem em especial, onde cada um traz sua colaboração. E deste modo, o sítio de Dona Benta assume gradativamente conotação metafórica. O Brasil que Monteiro Lobato desejava. Ali habitam harmoniosamente as três raças formadoras do povo brasileiro: o negro, representado por Tia Nastácia, o branco por D. Benta e o índio pelo Burro Falante. Ali também estão representados a burguesia, classe dominante, pelo Marquês de Rabicó e o proletariado ou melhor dizendo, os marginalizados que são: a criança, o velho, a mulher, o negro e o índio. O Sítio do Pica-pau Amarelo, Segundo Zilberman e Lajolo: *Passa a representar cada vez mais o Brasil como Lobato desejava que o país fosse: é lá que se descobre petróleo e se obtém a tão almejada autonomia econômica e são seus habitantes que provocam uma revolução mundial destinada a mudar o comportamento da humanidade.* (Zilberman e Lajolo, 1986:65)

Explorar ferro e petróleo significa para Lobato dar ao homem brasileiro um nível de vida à altura de um povo civilizado. No Sítio do Pica-pau Amarelo são realizadas (nos serões) verdadeiras assembléias familiares em que o exercício da cidadania se dá em torno de pontos de vista diferentes, um verdadeiro respeito à diversidade. Freitas (2001) é quem corrobora esta afirmação: *A paz doméstica não se dava ali, com certeza, à custa da uniformidade de idéias, o que levou o rei Carol, da Romênia, a tomar Dona Benta e Tia Nastácia, como as mandatárias da mais democrática e liberal das repúblicas modernas.* (Freitas. 2001:271)

Lobato queria formar gerações mais promissoras, do ponto de vista intelectual humano e crítico. Por isso investe na criança valorizando e respeitando-as por acreditar nas suas

potencialidades pois é nas mãos delas que está o futuro do país.

A CRIAÇÃO DE EMÍLIA

Emília nasceu das mãos de Tia Nastácia em “Reinações de Narizinho”, como uma simples boneca de pano. Engoliu uma pílula falante do Dr. Caramujo e a partir daí começou a falar. Sua personalidade foi evoluindo com o passar do tempo. Boneca irreverente, com opinião própria, lutava contra tudo e todos para defender a verdade em que acreditava.

Um belo dia, resolveu escrever suas memórias, porém com estilo próprio. Elegeu Visconde de Sabugosa como seu secretário. Um sábio feito de um sabugo de milho por Tia Nastácia. Adquiriu sua sabedoria dos livros de Dona Benta, pois passava a maior parte do seu tempo entre eles, lendo e pesquisando. Visconde passou a assumir o papel de narrador das memórias da Emília. O enredo da obra é sustentado pelo tripé: humor, crítica e ironia.

O humor está presente no seu estilo, que mistura sonho e realidade. A crítica, na sua postura de não aceitar o que está imposto pela sociedade, cria seus próprios conceitos. E a ironia está presente nos seus argumentos onde encontra uma razão e uma resposta para tudo.

Espertíssima, Emília critica a sociedade, o poder político e econômico, mas com muita manha e criatividade vai desmascarando e desmistificando o sistema da época que pintava o país de acordo com os interesses de uma pequena minoria, enquanto o povo estava sofrendo as misérias da falta de saúde e educação.

Quem escreve memórias arruma as coisas do jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura. (Lobato, 1994:7)

Havia uma preocupação muito grande por parte dos escritores da época, em construir uma obra grandiosa que colocasse o Brasil no rol das grandes nações.

“Memórias da Emília” é uma sátira que apresenta o homem brasileiro ocultando a real situação em que este se encontrava. Emília inicia suas memórias falando de sua natureza, uma alusão ao homem brasileiro, sem identidade, esquecido e abandonado pelo poder público. *Nasci no ano de ... (três estrelinhas), na cidade de ... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada. (Lobato, 1994:10)*

Ao falar de sua origem, Emília está retratando a realidade do povo brasileiro que não tem voz, não é reconhecido socialmente e que muitas vezes não tem nem perspectivas de vida. Assolado pela doença, pela miséria e principalmente pela ignorância não tem forças para lutar e conquistar o seu espaço. Porém, nem tudo está perdido. Ao mesmo tempo que Emília critica

o poder público, também mostra que a solução de todos esses problemas está dentro do próprio homem. *Nasci, fui incluída de macela*. Macela é uma planta que dá no campo e que é usada pelo povo não apenas para encher travesseiro mas, principalmente para remédio. Estar cheia de macela, significa ter capacidade, inteligência e criatividade para vencer todos os males. E não só os males da alma. E o pior de todos os males é a ignorância, a falta de instrução. Por isso é preciso tomar a tão famosa “pílula falante” e essa pílula falante, nada mais é do que a educação. Pois é através dela que o homem adquire sua independência e vai construindo sua identidade.

Somente investindo em educação e principalmente na melhoria da qualidade de ensino, é que é possível salvar o país da inércia e tirar o povo da miséria e injustiça. Pois, o homem instruído luta por seus direitos, não fica passivo diante das injustiças e conseqüentemente terá uma melhor qualidade de vida. Segundo os PCNs: *A escola, com certeza, influencia esse processo e, pelas suas características de instituição pública e educacional, pode constituir-se em uma instância privilegiada de reflexão e problematização, contribuindo para o amadurecimento dos projetos de vida dos alunos*. (PCNs – Introdução, 1998:10)

Engolir a pílula falante significa abrir a mente e os olhos para ver a realidade e agir sobre ela, transformando-a com suas próprias mãos para construir e reconstruir a sua própria história.

Ao relatar sua história, Emília diz que foi *enchida de macela, flor cheirosa cor de ouro*, simbolizando também a riqueza que há no solo brasileiro. Riqueza esta, que se explorada e investida adequadamente tornará o país economicamente livre. Livrando-o das mãos dos países desenvolvidos que exploram nossa riqueza enquanto o povo fica na miséria.

Porém, para que isso aconteça, é preciso mudar o sistema político que visa apenas um pequeno grupo. É preciso transformar o velho em novo. *Fui feita de uma saia velha de Tia Nastácia*. O que era velho, aparentemente perdido foi transformado, reconstruído. Segundo Fradique Mendes, em carta a Eduardo Prado, em 1888, descreve a sua impressão sobre o Brasil que se contaminou da velhice do *mundo velho* ao importar a literatura e as idéias velhas da Europa. Ele percorreu o Brasil à procura do novo, e só encontrou: (...) *o velho, o que já é velho de cem anos na nossa Europa – as nossas velhas idéias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho* (...)*. (Prado. P. 527 Apud Berriel, 2000: 48-49)

* Fragmento da Carta de Fradique Mendes à Eduardo Prado encontrado no livro “Tietê, Iejo, Sena: A obra de Paulo Prado” de Carlos Eduardo Ornelas Berriel. (p.48-49)

Contudo, o Brasil ainda possui uma chance de se reencontrar e de reconstruir a sua história. Para isso, porém, é preciso uma profunda revolução sócio-político-cultural para resgatar o país da contaminação europeizada. É preciso acreditar no novo, nas potencialidades do nosso país para mudar o destino da nação. (...) *por todo Brasil se estende um antigo e coçado tapete, feito com remendas da civilização européia, e recobrando o tapete natural e fresco das relvas e flores do solo (...). e haverá remédio para tão duro mal? Decerto! Arrancar o tapete sufocante.* (Prado p.527 Apud Berriel, 2000:48-49)

Vendo isso retratado em Emília vemos que os cabelos da cabeça de dela foram feitos de retalhos de pano, de diversas cores, tipos e espessuras. Uma alusão à miscigenação do povo brasileiro. Um povo formado de raças diferentes, mas capaz de formar uma unidade cultural. Assim como os cabelos de Emília que apesar de diferentes entre si formam um conjunto, o sistema político brasileiro deve estar atento às necessidades de todos os brasileiros sem exclusão, marginalização ou paternalismo que privilegia um pequeno grupo em detrimento dos demais. Deve haver uma verdadeira democracia. Esta só acontece onde há respeito pela diversidade de opiniões. Pois o exercício da democracia se dá em torno de pontos de vista diferentes, onde todos têm oportunidades iguais de participar das decisões da nação.

Meus olhos Tia Nastácia os fez de linha preta. O fato dos olhos de Emília terem sido feitos de linha preta indica que é preciso estar de olhos bem abertos, (a cor preta é uma cor viva que se destaca no rosto da boneca) e mudar o enfoque, mudar de ótica para ver com clareza o que está acontecendo no presente e principalmente para ter uma visão do futuro.

Os pés de Emília *eram abertos para fora* de modo que cada pé tomava direções diferentes. Depois foi *melhorando. Hoje piso para dentro*. Para que o país se desenvolva é preciso encontrar o caminho do progresso e todos trilhar por ele. *Tia Nastácia foi me consertando e Narizinho também.* Com a união de esforços é possível construir e reconstruir a história. Para isso é preciso estar aberto ao diálogo e dar oportunidades para que todos possam crescer.

Ao nomear o sábio Visconde de Sabugosa, como seu secretário, Emília tece uma crítica ferrenha ao sistema econômico explorador, onde alguns poucos poderosos manipulam ou dominam multidões de desvalidos. Veja o que diz a própria boneca:

Isso é que é importante. Fazer as coisas com as mãos dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é saber fazer as coisas. (...) Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! (...) É inútil, Visconde, lutar contra os espertos. (Lobato, 1994: 42-43)

Com uma linguagem própria e simples incorpora com naturalidade o coloquial e a gíria deixando o texto natural e saboroso bem próximo da linguagem da criança, atraindo-lhe a atenção para a leitura. Em “Memórias de Emília” é possível visualizar também que não há linearidade temporal na narrativa pois com muita astúcia e criatividade vai intercalando sonho e realidade: *Minhas memórias – explicou ela – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver.* (Lobato, 1994:54)

Ao mesmo tempo em que revela a realidade do país, também mostra o sonho de um país livre, justo e promissor. Um país que deveria valorizar a sua cultura, sua riqueza e suas potencialidades. E, deixar de copiar tudo o que vem de fora (Como se lá encontrasse um pó mágico para resolver os nossos problemas), investindo na cultura nacional. É o que podemos ver no episódio em que as crianças inglesas vêm ao Sítio do Pica-pau Amarelo para conhecer o anjinho de asa quebrada trazido por Emília na “Viagem ao Céu”. No navio comandado pelo Almirante Brown, vêm alguns impostores como o “Capitão Gancho”, personagem da literatura inglesa e o “Marinheiro Popeye” dos Estados Unidos. Ambos com o objetivo de roubar o anjinho e levá-lo ao exterior transformando-o em estrela de circo e/ou do cinema e através dele ganhar muito dinheiro. Símbolo da invasão estrangeira, que leva nossas riquezas naturais (matéria-prima) que após industrializá-los (latinha de espinafre), exportam para o Brasil por um preço muito alto. Enquanto o Brasil – dono legítimo da riqueza – fica à margem do desenvolvimento, por não acreditar e investir em tecnologia e deste modo continuando dependente dos países desenvolvidos.

O Brasil possui todos os pré-requisitos para o desenvolvimento, basta acreditar, cultivar e valorizar aquilo que é nosso e investir em projetos que visem o desenvolvimento da nação para dar ao povo brasileiro uma vida digna.

Enquanto Popeye, herói estrangeiro, tenta vencer a luta pela força física brutal, Emília vence pela sua esperteza, inteligência e criatividade. *Nada mais fácil, Almirante. Uma simples troca de latinhas que a Emília fez. O pobre Popeye só é gente depois que ingere o tal espinafre da lata. Mas Emília trocou sua lata de espinafre por uma de couve moída. – e trouxe o espinafre para os meninos. Só isso.* (Lobato, 1994:41)

Mostrando assim, que não há poção mágica para resolver os problemas do país e também não é lá fora que se encontra a resposta para os nossos problemas. A solução está ao alcance de nossas mãos. É preciso acreditar, planejar, pensar e repensar nossas ações e encontraremos a resposta. E como diz Emília: *Sou a Independência ou a Morte.* Com esta definição ela está convocando a nação brasileira para sair do passivismo e lutar para que

nossa riqueza e nossos produtos sejam reconhecidos e principalmente nossa literatura e nossa cultura sejam valorizados. Caso contrário, sem perceber seremos invadidos pela filosofia e pela cultura de povos estrangeiros e como diz nossa heroína: Viramos hipótese. Para que isso não aconteça urge o eclodir de heróis nacionais que devolvam ao país o direito de governar-se por si mesmo.

Em “Memórias da Emília”, Lobato apresenta temas interessantes, bem escritos, capazes de ir ao encontro da ansiedade e expectativa da criança, levando-a a interagir com o texto pois em Emília a criança vai encontrar sua liberdade de expressão e sua autonomia perante as imposições dos adultos. Com essa diversidade de assuntos Lobato vai contribuindo no processo de autoformação da criança, que ao ler também interage com o seu contexto modificando-o e ampliando sua criticidade deixando de ser um simples receptáculo de valores que os adultos lhe desejam impor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Memórias da Emília” de Monteiro Lobato é uma obra que pode ser considerada atemporal pois transcende o seu tempo. Nela encontramos elementos que permanecem extremamente atuais. A maioria das coisas que Lobato denunciava e tentava mudar continuam do mesmo jeito ainda hoje. Como por exemplo: as injustiças, desigualdades, a exploração do homem pelo homem, a invasão de estrangeirismos, a falta de infra-estrutura como saúde e educação que são pré-requisitos para o desenvolvimento do país.

Pela boca de Emília Lobato transforma a obra num palco de discussão e apresenta nas idéias dela os problemas nacionais. Também aponta caminhos, que segundo ele, devem ser percorridos para lançar o Brasil entre as grandes civilizações.

Porém, como bons brasileiros, temos a obrigação, em nome da nossa própria sobrevivência, de descobrir uma solução para o Brasil, naturalmente nosso, que hoje e amanhã nos defina aos olhos do mundo, com possível originalidade e independência no campo sócio-político-econômico e cultural.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar a personagem Emília na obra “Memórias da Emília”, pois encontro-me até certo ponto limitada pela escassez do tempo e principalmente pelo restrito horizonte de leitura e pela falta de embasamento teórico. Pois assim como Lobato, Emília é uma personagem polêmica e de uma diversidade de riqueza humana e intelectual que não são possíveis de ser ditas em poucas linhas. Este não é e não pretende ser um trabalho definitivo. Isto ainda está por vir.

Tenho pretensões de retomá-lo e aprimorá-lo futuramente num trabalho de especialização ou mestrado.

Quero estar desenvolvendo também, um projeto de leitura, das obras de Monteiro Lobato, com crianças e adolescentes da periferia com o objetivo de alargar seus horizontes de leitura e criticidade.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado*. Campinas, SP. Papiros, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Séculos XIX e XX*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995 ISBN 85-314-0184-4

_____. *Literatura Infantil*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREITAS, Marcos Cêzar (org) *História Social da Infância no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 46 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. ISBN 85-11-19014-7

_____. *Reinações de Narizinho*. 48 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993 ISBN 85-11-19021-X

_____. *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Brasiliense, 1977

_____. *O Pica-pau Amarelo*. 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. ISBN 85-11-19016-3

_____. *Histórias de Tia Nastácia*. 32 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 ISBN 85-11-19012-0

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura Infantil: Voz de Criança*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

PCNs. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF. 1998.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: As Reinações Renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANDRONI, Luciana. *Minhas Memórias de Lobato: Contadas por Emilia, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*. São Paulo: companhia das Letrinhas, 1997.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. (org) *30 Anos de Literatura para crianças e Jovens: Algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998 (Coleção Leituras do Brasil) INBS 85-85725-31-1

YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Mariza. *Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina (org) *Atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Novas perspectivas, 8.